

Fotografia e criação de novos imaginários sobre os povos indígenas em contextos urbanos ¹

Fernando Gonçalves²

Gabriel Alexandre de Oliveira Mello³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

RESUMO

Este artigo analisa o papel de fotógrafos que produzem novas narrativas sobre povos indígenas que vivem e lutam por direitos em contextos urbanos. A partir de uma perspectiva decolonial, discute-se como as imagens podem romper com representações históricas marcadas pela exotização e pelo apagamento, evidenciando a presença indígena nas cidades como dinâmica, política e transformadora do espaço urbano. A fotografia, nesse sentido, é compreendida não apenas como registro, mas como dispositivo de disputa simbólica, capaz de produzir novos imaginários e afirmar a continuidade da resistência indígena no presente.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Povos indígenas; Resistência; Espaço urbano; Decolonialidade; Representação.

INTRODUÇÃO

A presença indígena no Brasil contemporâneo rompe com os imaginários históricos que os associam apenas ao passado, à natureza e a espaços afastados das cidades. Ao contrário, esses povos estão presentes nos centros urbanos, onde habitam, transformam e disputam significados. Nesse cenário, a fotografia deixa de ser apenas registro e passa a atuar como agente na construção de novos imaginários. Historicamente marcada por representações estereotipadas, que, segundo Stuart Hall, reduzem sujeitos a categorias fixas e reforçam relações de dominação física e simbólica, a fotografia também se torna um meio de deslocar essas narrativas, questionando a exotização e a folclorização dos povos indígenas.

Os processos de colonização e modernização foram centrais na produção de uma invisibilização sistemática das populações indígenas no Brasil e, particularmente nos

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho **Pesquisa em fotografia e comunicação: memória, fotojornalismo e fotografia documental**, evento integrante da programação do 29º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 14 a 16 de maio de 2026.

² Professor do Curso de Relações Públicas da FSC-UERJ e do PPGCOM, email: gongalvesfernandon@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Relações Públicas da FSC-UERJ, email: gabrielmello.uerj@gmail.com

espaços urbanos, sustentando a ideia de que a urbanidade seria incompatível com identidades indígenas. Tal perspectiva, no entanto, desconsidera tanto os deslocamentos forçados quanto as estratégias autônomas de permanência e ocupação desses povos nas cidades brasileiras. Por isso, como afirmam Nascimento e Viera (2015, p. 124), “no espaço urbano, o processo histórico de violência e confrontos diretos fica menos aparente, mais silenciado, o que resulta na ausência de conhecimento da população não-indígena sobre os índios em contexto urbano, além do preconceito e da negação da alteridade indígena.”

O que esses e outros autores demonstram é que, longe de representar uma ruptura identitária, a presença indígena no meio urbano evidencia processos dinâmicos de reinvenção cultural e política, nas quais práticas, saberes e cosmologias são continuamente rearticulados em contextos contemporâneos. É nesse cenário que a fotografia se configura como dispositivo fundamental na produção de visibilidade e na disputa por narrativas. As imagens, longe de sua suposta neutralidade, operam como mediadoras que tensionam regimes de visibilidade, possibilitando o surgimento de novas formas de representação, no caso, outras formas de inscrição desses sujeitos em nossa cultura visual.

A partir das contribuições de Ariella Aïsha Azoulay, em *História Potencial* (2019), é possível compreender a fotografia como um evento político e relacional, e não apenas como uma imagem estática. Para a autora, toda fotografia envolve uma rede composta por quem fotografa, quem é fotografado e quem observa, instaurando um campo de responsabilidades compartilhadas. Nesse sentido, a imagem não se encerra no ato do clique, mas se prolonga nas relações éticas e políticas que produz.

Essa perspectiva dialoga diretamente com o projeto de pesquisa e extensão **Visus Decoloniais**⁴, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que se propõe a mapear e dar visibilidade a produções de fotógrafos fluminenses comprometidos com a construção de narrativas contra-hegemônicas nos âmbitos dos territórios, da memória e da ancestralidade. No âmbito do projeto, destacam-se os trabalhos de **Thanis Parajara e Gilberto Oliveira (Margem do Rio)**, cujas produções tensionam os enquadramentos coloniais e propõem novas formas de ver e representar os povos indígenas no Brasil urbano.

⁴ <https://www.visusdecoloniais.com.br/>.

Thanis Parajara⁵ (@thanisfotografia) (Fig. 1 e 2) é descendente indígena, moradora de Inhaúma, Zona Norte do Rio de Janeiro, fotógrafa formada pela Escola de Fotografia Popular da Maré e parceira do projeto Visus Decoloniais. Thanis desenvolveu sua pesquisa fotográfica a partir de sua ancestralidade indígena, passando a documentar suas próprias vivências e as de outros povos.

Nas imagens abaixo, realizadas na Reserva da Jaqueira, em Porto Seguro, Bahia, em 2023, vemos dois registros de mulheres indígenas em um ritual coletivo. Neles, apresentam-se dois elementos particularmente significativos: uma das participantes segura um telefone celular, enquanto outra usa um chinelo durante a prática ritualística.



Figura 1



Figura 2

Esses detalhes instauram um contraste visual entre elementos tradicionalmente associados à ancestralidade: como adornos, pinturas corporais e instrumentos; e dois objetos fortemente vinculados à contemporaneidade urbana. Mais do que um contraste, a imagem produz um deslocamento crítico. Ela rompe com o imaginário colonial que associa a “autenticidade” indígena à ausência de modernidade, evidenciando que tradição e contemporaneidade não são categorias excludentes. O ritual não desaparece diante da presença do celular ou do chinelo; ao contrário, ele se reinventa.

A fotografia, nesse sentido, evidencia que sujeitos indígenas habitam múltiplas temporalidades simultaneamente, desestabilizando leituras lineares e evolucionistas da cultura. Essa imagem também materializa, na prática, o que Ariella Azoulay (2019) propõe como uma ética da fotografia: um convite ao espectador para desaprender regimes

⁵ Perfil no projeto Visus Decoloniais: https://www.instagram.com/p/C0ASHiWJGjH/?img_index=1.

visuais marcados pelo imperialismo. Ao recusar a exotização e ao afirmar a complexidade das identidades indígenas, a fotografia desloca o olhar do espectador e o convoca a participar de uma nova forma de relação com a imagem e com o outro.

De modo complementar, o trabalho de **Gilberto Oliveira (Margem do Rio)**⁶ (@margemtorio) apresenta uma dimensão mais explicitamente política e familiar, ao registrar manifestações e lutas indígenas em contextos urbanos. Margem do Rio é amazonense, afroindígena, lgbtqiapn+, e reside há 8 anos no Rio de Janeiro. Segundo ele, suas fotografias são uma forma de trazer para o território carioca a história de sua família indígena e quilombola e de contar suas próprias histórias. Suas imagens (Figuras 3 e 4) evidenciam a ocupação da cidade como espaço de reivindicação, no qual corpos indígenas, instrumentos tradicionais e símbolos culturais são mobilizados tanto como formas de expressão política quanto de convivência e lazer com suas crianças



Figura 3



Figura 4

Nessas fotografias, tiradas na IV Marcha das Mulheres Indígenas, em Manaus, em 2025, as formas de cultura indígena não aparecem como um elemento estático ou meramente identitário, mas como uma prática viva de resistência. Os instrumentos tradicionais, por exemplo, deixam de ser apenas marcadores culturais e passam a operar como dispositivos políticos, integrando performances de luta e afirmação. A cena de crianças indígenas brincando com bolhas de sabão em um ambiente urbano desloca, de

⁶ Perfil no projeto Visus Decoloniais: https://www.instagram.com/p/C02PIXtJzWa/?img_index=1.

maneira sensível e potente, os regimes visuais hegemônicos que historicamente associam esses corpos à dor, à ausência ou à marginalização. Ao evidenciar a infância indígena em um momento de leveza, espontaneidade e convivência coletiva, a imagem inscreve esses sujeitos no cotidiano da cidade, afirmando sua presença para além de espaços estereotipados, como a aldeia ou a floresta.

Já elementos como as maracas, a presença de bandeiras, máscaras e, sobretudo, a dança e os gestos coletivos reforçam o caráter organizado e contemporâneo dessas mobilizações, confrontando diretamente o imaginário colonial que associa os povos indígenas à passividade ou ao isolamento. Ao inscrever essas manifestações no espaço urbano, as imagens produzem uma reconfiguração simbólica da cidade, que deixa de ser compreendida como um território exclusivamente não-indígena e passa a ser reconhecido como um espaço de disputa, onde diferentes temporalidades, identidades e projetos de mundo coexistem. Nesse sentido, *Margem do Rio* traduz com sensibilidade essa articulação entre dimensão política e cotidiana, evidenciando a complexidade da presença indígena na cidade.

Considerações finais

A presença indígena nos centros urbanos é realidade em vários estados brasileiros. Nesse cenário, verifica-se que a identidade e a diferença produzida pelos povos indígenas não são fixas, pois se movem, não são formatadas e rígidas, mas negociadas e híbridas (Viera e Naglis, 2023). Diante da análise apresentada, a fotografia se afirma como um dispositivo central na produção de novas narrativas e imaginários sobre os povos indígenas no Brasil. Ao longo da história, esses sujeitos foram reiteradamente enquadrados por lentes coloniais que os exotizaram, folclorizaram e os fixaram em um passado estático.

A resistência indígena, nesse contexto, não pode ser compreendida como um fenômeno restrito ao passado, mas como uma força viva, dinâmica e em permanente atualização. Ao se fazer presente nos espaços urbanos — seja por meio de manifestações políticas, práticas culturais ou cenas cotidianas — essa resistência recusa o enquadramento cronológico imposto pelas narrativas hegemônicas, que insistem em localizar os povos originários fora da modernidade. Ao contrário, o que se observa é a

afirmação de existências indígenas que não apenas pertencem ao presente, mas que também o transformam, reinscrevendo nele outras temporalidades, saberes e formas de organização social.

Nesse sentido, as contribuições de Ariella Azoulay (2019) são fundamentais para compreender a fotografia como um campo de disputa política e ética. Ao propor o “desaprender” dos regimes visuais imperialistas, a autora aponta para a necessidade de romper com formas de ver que naturalizam hierarquias e silenciamentos. As fotografias de Thanis Parajara e Gilberto Oliveira (Margem do Rio), operam precisamente nesse deslocamento: mais do que registrar, essas fotografias interrompem a linearidade de uma história única, marcada por noções universais de progresso, tempo e espaço, e evidenciam que tais categorias nunca foram compartilhadas de maneira igual. Ao fazê-lo, abrem espaço para a emergência de novos imaginários, nos quais os povos indígenas deixam de ser vistos como vestígios de um passado distante e passam a ser reconhecidos como protagonistas de múltiplas modernidades.

Assim, a fotografia, quando orientada por uma perspectiva decolonial, não apenas amplia a visibilidade, mas também transforma as condições de reconhecimento. Ela não só mostra, mas reconfigura o que pode ser visto, dito e compreendido. Nesse processo, contribui para a construção de um campo simbólico mais plural, no qual a presença indígena na cidade não é exceção, mas parte constitutiva da realidade brasileira contemporânea.

Referências

AZOULAY, Ariela. *História Potencial: Desaprender o Imperialismo*. São Paulo: Ubu, 2024.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

NASCIMENTO, Adir Casaro; VIEIRA, Carlos Magno Naglis. O índio e o espaço urbano: breves considerações sobre o contexto indígena na cidade. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, [S. l.], n. 14, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/26141>. Acesso em: 23 mar. 2026.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis; NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. **Povos indígenas em contexto urbano: as tensões e os desafios na busca pela afirmação étnica na cidade**. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 15, n. 36, p. 257–271, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/nupem/article/view/4876>. Acesso em: 23 mar. 2026